

CLÁSSICOS NO FUNDO DAS MINAS: UMA HISTÓRIA ENTERRADA

Henry Stead* * University of
St Andrews, St
Andrews, UK.

Recebido em: 30/08/2023

Aceito em: 06/09/2023

has22@st-andrews.ac.uk



RESUMO: Ao longo deste texto, visitaremos vários locais de interação entre os trabalhadores britânicos das minas e os clássicos da Grécia e de Roma. Além de simplesmente atestar sua existência, a avaliação dessas interações lançará alguma luz sobre o curioso apelo da antiguidade greco-romana ao trabalhador da mineração da época. Antes disso, devo contextualizar um pouco essa linha de pesquisa de nicho. A pesquisa sobre os “clássicos dos mineradores” foi realizada enquanto trabalhava com Edith Hall em seu projeto financiado pelo AHRC “Classics and Class in Britain 1789-1939”. O projeto foi planejado “para provocar uma mudança na percepção da história dos estudos clássicos britânicos, afastando-se de uma tradição conservadora de elitismo institucionalizado em direção a uma história mais esclarecedora de práticas culturais amplamente inclusivas e inspirada criatividade” (Stead; Hall, 2015, p. 19).

PALAVRAS-CHAVE: recepção clássica, clássicos dos mineradores, cultura material.

CLASSICS DOWN THE MINESHAFT: A BURIED HISTORY

ABSTRACT: Over the course of this text we shall visit several sites of interaction between mineworkers and the ancient Greek and Roman classics. Beyond simply attesting to their existence, assessment of these interactions will cast some light on Graeco-Roman antiquity’s curious appeal to the mineworker of the period. But first I should contextualize this somewhat niche line of inquiry. The research into miner classics was undertaken when working with Edith Hall on her AHRC-funded project ‘Classics and Class in Britain 1789-1939’. The project was designed ‘to provoke a shift in the perception of the history of British classics, away from a conservative tradition of institutionalized elitism towards a brighter history of broadly inclusive cultural practice and inspired creativity’ (Stead; Hall, 2015, p. 19).

KEYWORDS: Classical Reception, miner classics, material culture.



Desde o século XVIII e o início da mineração profunda de carvão, os mineradores britânicos têm trabalhado nos limites do nosso mundo habitável e até mesmo além deles. Com a enorme demanda por carvão que alimentou a Revolução Industrial, e auxiliados pela tecnologia que veio a reboque, os mineradores cavaram cada vez mais fundo na crosta terrestre para extrair seus preciosos minérios e minerais. A experiência do trabalho nas minas é extrema não apenas no sentido geoespacial, mas também devido à severidade física do próprio trabalho. O trabalho era tão árduo que, até ser localmente normalizado, atraía apenas os mais desesperados e despossuídos, criando, assim, uma nova e claramente identificável classe de trabalhadores pobres.¹ Quaisquer interações com as culturas grega e romana antigas que ocorriam nas comunidades normalmente isoladas e privadas que cercavam as minas podem justificadamente, portanto, ser consideradas extremas. Mas o que talvez haja de mais *extremo* sobre os “clássicos dos mineradores” (as obras de mineradores da era industrial relativas à antiguidade clássica) é a sua marginalidade, que está ligada ao simples fato de parecerem tão improváveis.

Why should a miner earn six pounds a week?
 Leisure! They'd only spend it in a bar!
 Standard of life! You'll never teach them Greek,
 Or make them more contented than they are! (Sassoon, 1921, p. 715)

Por que um minerador deveria ganhar seis libras por semana?
 Lazer! Eles só gastariam isso em um bar!
 Padrão de vida! Você nunca os ensinará grego,
 Ou os tornará mais satisfeitos do que já são!²

Este poema de Sassoon, embora uma paródia da opinião de acadêmicos desconectados e “embriagados de conforto” reagindo a greves, representa de forma concisa os preconceitos baseados em classe sobre o baixo nível de interesse cultural e capacidade intelectual dos mineradores.

Os tipos de envolvimento cultural que os clássicos dos mineradores representam em sua maioria ocorreram tão distantes do centro dos mapas históricos e culturais de nosso tempo que sua própria existência é posta em dúvida. O estudo inovador de Jonathan Rose, “The Intellectual Life of the British Working Classes” (2010), contribuiu muito para desafiar a recorrente estereotipificação da experiência cultural da classe trabalhadora britânica e para destacar a “vida intelectual” desses trabalhadores, mas a extensão da experiência com os clássicos dos membros das comunidades de mineração entre os anos de 1750 e 1950

¹ Williams (2008, p. 184) estende essa nova classe “subterrânea” aos trabalhadores de todos os ofícios industriais mecânicos, incluindo o trabalho fabril. Antes da disponibilidade comum de banheiros nas minas, em função do faturamento, de acordo com a Comissão Sankey de 1919, os mineradores teriam que viajar para casa encharcados com água de mina e suor e endurecidos com pó de carvão.

² N.T.: As traduções para o português dos poemas foram realizadas pelos tradutores do artigo sem qualquer pretensão poética.

permanece enterrada. Uma razão para isso é que os clássicos dos mineradores operavam além dos horizontes sociais daqueles homens de classe média e alta frequentemente considerados como os únicos beneficiários da educação clássica e os principais consumidores dos artefatos culturais “elevados” que parecem ter exigido tal educação para serem plenamente apreciados.

Ao longo deste texto, visitaremos vários locais de interação entre os trabalhadores das minas e os clássicos da Grécia e de Roma. Além de simplesmente atestar sua existência, a avaliação dessas interações lançará alguma luz sobre o curioso apelo da antiguidade greco-romana ao trabalhador da mineração da época. Antes disso, devo contextualizar um pouco essa linha de pesquisa de nicho. A pesquisa sobre os clássicos dos mineradores foi realizada enquanto trabalhava com Edith Hall em seu projeto financiado pelo AHRC “Classics and Class in Britain 1789-1939” (C&C). O projeto foi planejado “para provocar uma mudança na percepção da história dos estudos clássicos britânicos, afastando-se de uma tradição conservadora de elitismo institucionalizado em direção a uma história mais esclarecedora de práticas culturais amplamente inclusivas e inspirada criatividade” (Stead; Hall, 2015, p. 19). Admitir que a disciplina educacional dos estudos clássicos exerceu um papel na divisão social é, por vezes, entendido como separar aqueles que podiam, por exemplo, ler o verso latino, ou analisar um verbo grego, daqueles que não podiam executar nenhuma dessas tarefas. A educação clássica foi, no entanto, uma ferramenta de divisão adequada para uma função mais específica do que para uma distinção binária. Ela teve, certamente, a capacidade de distinguir entre as classes trabalhadora e de tempo livre, porém, mais importante do que isso (especialmente da Revolução Industrial em diante), ela também teve o poder de diferenciar entre as várias e, às vezes, sutis posições e afiliações das classes média e alta. A perseguição classista das classes trabalhadoras por parte de protagonistas de classe média-alta é predominante na ficção produzida por escritores de classe média pela simples razão de que foi a classe média que mais sofreu com isto.

O conhecimento clássico também foi efetivamente usado como arma em vários momentos da história britânica, mas talvez tenha sido mais eficaz nas guerras culturais em torno da Revolução Francesa. A perseguição baseada no poder simbólico dos clássicos foi uma parte essencial das publicações periódicas da era romântica e, ao longo dessa época, serviu aos interesses conservadores, retratando de forma dissimulada os radicais políticos e reformadores como tolos sem educação e provenientes de bairros inadequados.³ Essas polarizações são impressionantes por si só e mostram o quão disputados os clássicos podem se tornar. No entanto, elas também afastam inadvertidamente a atenção da maioria da experiência popular da cultura clássica na Grã-Bretanha.⁴

Enquanto, como Richard Hoggart adverte, é importante evitar a tentação “de ver cada homem da classe trabalhadora como um Felix Holt ou um Judas, o Obscuro” (Hoggart, 1957, p. 2), também é importante não subestimar a importância cultural das interações com a

³ Para o uso da cultura clássica e pretensas deficiências de educação no debate político na era romântica, consulte Stead (2015, p. 205-22), e Stead; Hall (2015, p. 55-78).

⁴ Ver, por exemplo, Rose (2010), especialmente o capítulo 4; Stead; Hall (2015); Ravenhill-Johnson; James (2013) sobre imagens dos *banners* de sindicatos.

antiguidade desfrutadas pela pessoa relativamente “ordinária” e “comum”. O envolvimento da classe baixa com a antiguidade grega e romana pode ter uma forma diferente daquela dos membros da elite educada, mas, em massa, simplesmente deve ter implicações maiores para a dinâmica cultural do que as interações comparativamente poucas da elite (Hoggart, 1957, p. 2). Você não precisa, por exemplo, ser Félix ou o Obscuro (ou Gildersleeve, para esse assunto) para se maravilhar com os *Mármore de Elgin* ou ouvir uma tradução da *Iliada* de Homero.

O gênero biográfico do século XIX, frequentemente mitológico e formulaico (“do zero ao herói”), também tende a exagerar o extraordinário da experiência clássica da classe trabalhadora, quando, na maioria das comunidades do século XIX, incluindo povoados de mineradores e cidades vizinhas, qualquer educação além das “três Rs” envolvia aprender pelo menos um pouco de latim, e quando certas interações com a cultura clássica, por exemplo, na arquitetura pública, não eram tão facilmente evitadas em uma Grã-Bretanha obcecada com sua herança cultural clássica. Este texto, portanto, nos lembra que os tipos de engajamentos culturais abordados no presente volume,⁵ todos percebidos como ocorrendo *in extremis*, podem não ter sido tão “extremos” afinal. Dito isso, certamente existiam consideráveis problemas com a alfabetização básica nas comunidades de mineração, especialmente na primeira metade do nosso período.

O exemplo dos mineradores é, ao mesmo tempo, extraordinário no sentido de que seu dia de trabalho era – especialmente até as últimas décadas do século XIX – excepcionalmente perigoso e fisicamente desgastante, e representativo do “ordinário” no sentido de que as mesmas pressões sociais e desigualdades de oportunidade atuavam sobre eles como em qualquer outra comunidade industrial britânica de grande escala nos longos séculos XIX e XX iniciais. A extrema e crua luta deles contra as forças sombrias do capital é, sem dúvida, o que atraiu Marx a se concentrar em sua exploração com tanto detalhe na Parte 4 do Volume 1 de “*O Capital*” (1976/1990, p. 626-35). De fato, Marx concebeu o empreendimento central de “*O Capital*” como uma catábase, ou uma descida heroica ao submundo, na qual ele mesmo era o guia do leitor pelo obscuro reino da produção sob a aparentemente paradisíaca superfície do reino da sociedade capitalista.

Ao mundo visível, ou “esfera da circulação ou troca de mercadorias”, Marx chama de “um verdadeiro Éden dos direitos inatos do homem”, onde todos “trabalham juntos para benefício mútuo, para o bem comum e no interesse comum” (1976/1990, p. 280). A descida do leitor ao submundo, ou o “esconderijo oculto da produção”, inicia a jornada por aprender o “segredo da obtenção de lucro”. A *katábasis* faz um trabalho importante para Marx aqui, em parte porque a sugerida partida do *nosso* mundo incentiva o leitor a se livrar de preconceitos e a testemunhar o reino mais sombrio da produção com olhos frescos. A descida nos leva a outro mundo onde se aplicam regras diferentes, regras que moldam nosso mundo tanto quanto o deles. Como que por mágica, Marx explica:

⁵ N.T.: Refere-se ao livro *Classics in Extremis: The Edges of Classical Reception* (Bloomsbury, 2018), em que este texto está publicado como um dos capítulos.

Uma certa mudança ocorre, ou assim parece, na fisionomia de nossos *dramatis personae*. Aquele que antes era o dono do dinheiro agora sai na frente como capitalista; o possuidor da força de trabalho vem na sequência como seu trabalhador. O primeiro se mostra com ar de importância e está focado nos negócios; o segundo é tímido e se mantém afastado, como alguém que levou sua própria pele ao mercado e agora não tem mais nada a esperar a não ser – um esfolamento. (Marx, 1976/1990, p. 280)

Podemos empregar nossa própria configuração marxista catabática imaginando o mundo superficial como aquele das noções pré-concebidas: que os trabalhadores do século XIX tinham poucas oportunidades, aptidão ou apetite pelos clássicos. Entre você, portanto, no elevador e desça a outro reino pouco explorado, onde salas de leitura, traduções, livros baratos, revistas, performances e esforço sobre-humano reinam supremos. Os personagens que encontramos nesse sub-reino não são nem tímidos, nem se mantêm afastados; pelo contrário, buscam envolvimento com a antiguidade, independentemente de serem considerados excluídos disso. Não há divisão clara entre a chamada cultura popular e a cultura elitista; elas operam em uma síntese turbulenta.

Como Rachel Falconer identificou recentemente, a jornada transformadora através do inferno é um lugar-comum rico e recorrente na narrativa ocidental pós-guerra (Falconer, 2005, p. 1). Os classicistas, é claro, estão familiarizados com a tradição catabática na literatura e mitologia gregas e romanas, mas provavelmente estão menos familiarizados com o fato de que essa tradição ressoava particularmente forte com os mineradores. Afinal, cada dia para o minerador continha uma descida para outro reino, e, embora o trabalho repetitivo e a camaradagem criassem uma sensação de familiaridade, sempre foi bem compreendido que a vida subterrânea deixa sua marca e que, mesmo hoje em dia, o retorno à superfície não pode ser dado como garantido.⁶ O uso do lugar-comum não indica, é claro, necessariamente uma influência direta de uma fonte clássica, mas a frequência de sua fusão com outras imagens clássicas (nem sempre de natureza catabática) sugere que a *katábasis* dos mineradores está pelo menos imbuída de um sabor clássico.

O HADES INTERIOR DE SID CHAPLIN

Um minerador literário que sonhava em escapar de sua vida subterrânea era Sid Chaplin (1916-86). Antes de Chaplin se destacar como um escritor profissional versátil, ele trabalhou como ferreiro de mina e depois como montador de correias subterrâneo (Barstow, 2004). Ele era um ávido autodidata, frequentando a “universidade da mina” do Centro Comunitário Spennymoor, onde participou de cursos da Associação de Educação

⁶ As “cicatrizes azuis” dos mineradores são um exemplo evocativo das marcas visuais deixadas pelos trabalhadores subterrâneos. A história industrial da Grã-Bretanha é um catálogo de desastres de mineração e os terríveis riscos à saúde como o “pulmão negro” e as baixas expectativas de vida estão bem documentadas. Veja, por exemplo, Hatcher (1984/1993).

dos Trabalhadores (Workers' Educational Association – WEA).⁷ Em 1939, ganhou uma bolsa para a Fircroft Working Men's College, em Selly Oak, Birmingham, para estudar economia e teoria política. Depois de lutar por um ano ou mais para atender aos requisitos acadêmicos, o início da guerra enviou-o de volta a Durham e à vida na mina, da qual ele achava que tinha escapado. Os papéis de Chaplin contêm os manuscritos de poemas de um minerador em seus vinte anos sonhando com uma vida literária (Arquivo da Biblioteca Robinson da Universidade de Newcastle, Coleções Especiais, GB 186 SC/4). A maioria é datilografada e alguns têm comentários críticos e notações métricas rabiscadas sobre e ao redor do texto, incluindo a caligrafia de seu mentor literário de outrora, o zelador do Centro Comunitário Spennymoor, Bill Farrell.

Entre páginas com títulos como “Poemas de um Poeta Não Privilegiado” e “Onde Gorki Morreu”, podemos encontrar o poema “Minerador”, no qual o jovem poeta minerador relaciona sua própria experiência abaixo da terra com a do sofrido deus-titã Atlas:

I am the inner Atlas of this spinning globe.
At the dark centre of your green circumference
I crouch, the crawling wonder of my darker world,
The sweating surgeon of the strata depths,
The probing, blasting hero of my diamond doom.

Eu sou o Atlas interior deste globo giratório.
No centro escuro de sua circunferência verde
Eu me abaixo, a maravilha rastejante do meu mundo mais escuro,
O cirurgião suado das profundezas dos estratos,
O herói que sonda e detona minha destruição diamante.

Neste poema, que retrata, ao mesmo tempo, o protagonista minerador como um herói condenado, cirurgião suado e Atlas interior, Chaplin estabelece a clássica distinção entre seu doloroso “mundo mais escuro” e a “circunferência verde”, entre o mundo isolado e isolante do trabalho e o mundo do lazer, entre “meu” mundo e “seu” mundo. A imagem original e altamente evocativa do “Atlas interior” mostra uma compreensão de que é através de seu esforço como minerador que “nosso” (?) globo verde e giratório é sustentado. É um poema denso, com uma imagética “estilo colagem” que resiste a uma imagem central clara, mas, se tivermos que escolher apenas uma imagem, certamente seria a do “Atlas interior” (no fim das contas, visualmente vago), que, mesmo estando no centro do mundo, carrega o peso em seus ombros.

Outro dos poemas de Chaplin é “Mineradores em Trabalho (Baseado nos Desenhos de Henry Moore)”:

⁷ O termo “universidade da mina” foi usado em referência aos Centros Comunitários por Tisa Schulenburg em sua autobiografia não publicada *‘Sketches from the life’*, guardada na Biblioteca Robinson da Universidade de Newcastle, Coleções Especiais, GB 186 SC/8/7/13.

Dim shapes swathed in darkness,
 In darkness swathed in mystery.
 Elements:
 Darkness, coal, the living flesh
 Crouching, crawling, creeping:
 The straining of unseen muscles
 Against unknown weight.
 Unreal men in their inner Hades,
 But look, ah!
 See the pinpoint glowing of eyes,
 The eyes of the dead who live
 And in their life attain the mastery
 Of blood and sweat.
 Tears are for widows.
 This straining flesh, this cornerstone
 Of creature comfort;
 Culture,
 Cities of men,
 Commonwealth to be.
 This is the way to mastery,
 Hewn through the planet's bones
 To the ultimate shining lode.
 The message of eyes in the dark?
 (Cat's eyes that curve to the end of light)
 Cauldron within
 Says the smouldering spark.

Tênuas formas envoltas em escuridão,
 Em escuridão envolta em mistério.
 Elementos:
 Escuridão, carvão, a carne viva
 Curvando-se, rastejando, esgueirando-se:
 O esforço de músculos invisíveis
 Contra o peso desconhecido.
 Homens irreais em seu Hades interior,
 Mas olhe, ah!
 Veja o ponto radiante dos olhos,
 Os olhos dos mortos que vivem
 E em sua vida alcançam a maestria
 De sangue e suor.
 Lágrimas são para viúvas.
 Esta carne esforçada, esta pedra fundamental
 Do conforto da criatura;
 Cultura,
 Cidades de homens,
 Riqueza comum a ser alcançada.
 Este é o caminho para a maestria,
 Escavado através dos ossos do planeta
 Até o último veio de minério brilhante.
 A mensagem dos olhos na escuridão?
 (Olhos de gato que recurvam até o fim da luz)
 Caldeirão interior
 Diz a faísca fumegante.

Este poema retrata explicitamente a carne invisível e tensa das formas desumanizadas trabalhando nas trevas como “a pedra fundamental do conforto da criatura; / Cultura / Cidades de homens, / Riqueza comum a ser alcançada”. É escrito a partir da perspectiva de um daqueles “mortos que vivem”, um dos “homens irreais em seu Hades interior”, e é justificadamente crítico das gritantes desigualdades da Grã-Bretanha dos anos 1930, desigualdades que permitem que as “pessoas reais” na superfície desfrutem dos frutos do trabalho exaustivo dele e de seus colegas trabalhadores.

O uso das referências clássicas de “Atlas” e “Hades” por Chaplin coloca o seu trabalho do dia a dia no contexto cultural e emocional que ele considerava necessário para descrever adequadamente aos leitores acima da terra a dureza de seu submundo. É o cruel castigo e o trabalho eterno de Atlas, e a escura e inescapável casa subterrânea dos mortos gregos, que melhor se adequou ao propósito do jovem artista. O epíteto “interior” que qualifica tanto Atlas quanto Hades enfatiza o injustamente desproporcional fardo pessoal imposto ao trabalhador subterrâneo individual. O mundo dos mineradores pintado por Chaplin nesses dois poemas não é apenas escuro, claustrofóbico e desconfortável, mas também desesperadamente solitário. Não há outra presença humana com quem o “peso desconhecido” possa ser compartilhado, nenhuma camaradagem e nem uma pista de religião

ou mesmo mitologia externa para se confortar. A ausência de religião pode surpreender, considerando que Chaplin foi um pregador leigo metodista de 1938 a 1948. Embora seja comum neste período turbulento que as lealdades políticas, religiosas, étnicas e sociais sejam divididas ou pluralizadas, a presença de religião teria sido uma combinação difícil com a estética e o arcabouço clássico e marxista empregados de outro modo.

Após a publicação do trabalho de Chaplin na série “Nova Escrita” da Penguin em 1941, a estrela do relutante minerador subiu constantemente, e ele se tornou um autor, jornalista e trabalhador das artes estabelecido – pelo que foi agraciado com uma OBE em 1977. O exemplo de Chaplin é um importante lembrete de que não devemos considerar sempre a autoeducação e o autodesenvolvimento como unidirecionais, ou seja, afastando-se de suas origens. Embora Chaplin se sentisse inadequado ao ambiente de trabalho em que nasceu, sua aspiração pessoal não parece ter sido impulsionada apenas pelo desejo de escapar de suas raízes, mas de usar sua experiência cultural e conhecimento clássico conquistados com esforço para melhor representar a vida de seus colegas nas histórias que ele contava. A educação superior pode ter sido parte do caminho para o sucesso de Chaplin, mas ele a usou não para romper os laços com seu grupo social de origem, mas para melhor comunicar tanto sua luta quanto sua riqueza cultural para o mundo acima.



FIGURA 1 – “Passando pela Catedral de Durham, com suas altas torres, Joe Guy fazendo seu caminho para a Universidade”. Cortesia dos Arquivos e Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade de Durham. (UND_DB15_IB_7). Reproduzida, com a legenda citada, na revista *COAL*, v. 5, jan. 1952, p. 10.

Nos anos 1940, Joe Guy (Figura 1) trabalhava em tempo integral nas minas de Sacriston Colliery, no Condado de Durham, como um *datal worker*, ou seja, um minerador com salário fixo sem bônus. Ele era ativo no governo local, atuando como secretário da

fazenda e membro do Conselho Paroquial. Para alguém que ocupava uma posição tão central em sua comunidade, é significativo que a única razão pela qual conhecemos Joe Guy hoje é porque, em 1952, ele conquistou uma vaga em um curso oferecido pelo Sindicato Nacional dos Mineradores e pelo Conselho de Estudos Extramuros da Universidade de Durham. Essa conquista foi posteriormente registrada na revista *COAL*, o instrumento de relações públicas do Conselho Nacional do Carvão (v. 5, jan. 1952, p. 6).

Joe Guy – como a matéria conta – era “um típico minerador de Durham” em todos os aspectos, exceto por uma “pequena realização”. “Ele ensinou a si mesmo a ler grego e é um colaborador regular de uma revista teológica”.⁸ O curso realizado na Universidade de Durham foi projetado para preparar trabalhadores promissores para posições de liderança na gestão e no sindicato. Ao contrário de Jude Fawley, de Thomas Hardy, Joe Guy foi aceito (embora como parte de um programa de extensão financiado) dentro dos altos muros dos estudos acadêmicos e, apesar de várias barreiras logísticas, sociais e econômicas, alcançou um nível mais elevado de educação e se envolveu ativamente no discurso acadêmico vigente.

Como o artigo da revista *COAL* sugere, o modo peculiar com que Joe Guy desfrutava do seu lazer o tornava incomum e, tanto em termos de resistência física quanto mental e capacidade intelectual, era sem dúvida um sujeito excepcional. Ainda que incomum, seu exemplo não era nenhuma anomalia. Esse fragmento biográfico fornece evidências (onde as evidências são escassas) de grupos de trabalhadores – constituindo uma minoria significativa – que tanto estavam dispostos como eram capazes de buscar rotas difíceis para o aprendizado clássico e acadêmico, apesar das escassas oportunidades oferecidas por sua posição social. Joe Guy estava, na verdade, seguindo uma longa tradição de homens e, ocasionalmente, mulheres, autoeducados em comunidades de mineração, que buscavam aprender através de rotas externas à oferta de educação formal. Afinal, não é tarefa fácil ensinar a si mesmo grego.

Embora seja provável que ele tenha aprendido grego se preparando para participar de debates teológicos em vez de ler Homero, o exemplo de Joe Guy levanta uma questão fundamental. Como historiadores – especialmente, mas não exclusivamente, da literatura –, estamos acostumados a lidar com indivíduos excepcionais (sendo ou não esse rótulo “excepcional” justificado, e como e por quem é aplicado é, claro, outra questão). De fato, o uso de fragmentos literários de indivíduos extraordinários para identificar e revelar mudanças gerais na maneira de ver o mundo é uma prática tão comum que mal chama a atenção, apesar de esses indivíduos extraordinários experienciam a vida de maneiras muito diferentes da maioria. A prática tradicional de estudos acadêmicos marginalizou o indivíduo comum a tal ponto que suas vidas – e (um tanto bizarro) não as vidas dos frequentemente excêntricos poetas, políticos, estudiosos e criadores de todas as formas de arte – se tornaram extraordinárias. Progressos significativos foram feitos pelos estudiosos para corrigir esse desequilíbrio, e as técnicas de pesquisa digital do século XXI certamente acelerarão esse processo.⁹

⁸ No momento da escrita, esta revista teológica permanece desconhecida.

⁹ Para uma introdução ao estudo da história da leitura na classe trabalhadora, ver Rose (2010, p. xi-xiii e p. 1-2) com a bibliografia completa.

Claro, a escassez e muitas vezes o baixo apelo estético dos registros escritos pelas classes mais baixas são parcialmente responsáveis pelo registro histórico enviesado. No entanto, é essencial que incorporem essas experiências sub-representadas em nossa concepção do passado. Sua contribuição combinada com as dinâmicas culturais mais amplas é de enorme importância. O consumo de massa (desde a Revolução Industrial) impulsionou a oferta de produtos culturais, assim como outros produtos, e a relação do gosto contemporâneo é enormemente afetada pela direção da corrente *mainstream*. Também é importante lembrar que os exemplos dados por esses autodidatas podem fornecer importante inspiração para membros de todas as comunidades marginalizadas, cuja luta contra a corrente social pode parecer insuperável.

BARBARA TAYLOR

Após a Lei de Mineração de 1920, a indústria de mineração da Grã-Bretanha apoiou “um sistema organizado de atividades de bem-estar em benefício dos trabalhadores e comunidades de mineração, através de um fundo arrecadado por meio de um imposto estatutário sobre a produção das minas”. A Seção 20 da Lei impôs um imposto de um centavo por tonelada de carvão extraído na Grã-Bretanha, especificamente para criar um fundo de bem-estar dos mineradores a ser usado “para fins relacionados ao bem-estar social, recreação e condições dos trabalhadores em ou perto das minas de carvão, bem como para a educação e pesquisa em mineração, conforme determinado pelo Governo, através de agências designadas”.¹⁰



FIGURA 2 – Barbara Taylor na revista *COAL*, v. 13, jan. 1960, p. 6. Cortesia do Museu Nacional de Mineração de Carvão da Inglaterra.

¹⁰ Lei da Indústria de Mineração, 1920. Ver Clerk (1920).

Uma dessas agências foi a Organização de Bem-estar Social da Indústria do Carvão (CISWO), que concedeu uma bolsa de estudos em 1959 a uma tal Barbara Taylor, filha de um minerador da Darfield Main em Yorkshire, que queria se formar como professora. Essa bolsa permitiu que ela estudasse “Latim na Universidade de Londres” (*COAL*, v. 13, jan. 1960, p. 6). Essas informações foram obtidas, assim como as de Joe Guy, da revista *COAL*, mas temos ainda menos informações sobre Barbara Taylor.¹¹ Não há entrada para Joe Guy ou Barbara Taylor no *Oxford Dictionary of National Biography* [Dicionário Oxford de Biografia Nacional] (ODNB). A “ordinariedade” de suas vidas significa que suas experiências, assim como as de inúmeras outras pessoas, ficaram ausentes tanto dos registros históricos quanto da percepção popular mais ampla. É uma questão simples, não pejorativa (o ODNB não é um censo), mas que demonstra rapidamente como as ferramentas tradicionais de pesquisa são limitadas em sua aplicação a assuntos da classe trabalhadora.

À primeira vista, as interações de Joe Guy e Barbara Taylor com as línguas clássicas parecem excepcionais, anômalas até. Chegam até nós como fragmentos biográficos, aparentemente “do nada”. No entanto, uma investigação mais aprofundada das comunidades em que Guy e Taylor viveram, das instituições que apoiaram seus esforços e das rotas educacionais que percorreram revela aglomerados de atividades clássicas. Talvez devido à dificuldade adicional em rastrear mulheres menos conhecidas devido a mudanças nos sobrenomes, os agrupamentos em torno de Guy são marginalmente mais visíveis do que os de Taylor.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM DURHAM

Quando, em 1952, Joe Guy deixou sua vila de mineração e se dirigiu para um curso aos sábados no Palace Green, Durham, outros 24 mineradores de diferentes vilas de mineração fizeram o mesmo. O curso se chamava “O Funcionamento da Democracia na Grã-Bretanha” e foi ministrado por Peter Kaim-Caudle (1916-2010), que mais tarde se tornaria professor de Política Social na Universidade de Durham. O curso de Guy foi organizado em conjunto pelo setor de Durham do Sindicato Nacional dos Mineradores (NUM) e pelo Conselho de Estudos Extramuros da Universidade de Durham, atraindo estudantes de minas de carvão de todas as partes de Durham. A revista *COAL* nos informa que a idade média dos estudantes era de trinta anos e que “alguns frequentaram cursos da NCLC (Conselho Nacional das Faculdades do Trabalho) e WEA (Associação Nacional de Trabalhadores), mas a maioria tem pouca ou nenhuma experiência em educação de adultos” (*COAL*, v. 5, jan. 1952, p. 6).

Mesmo que cursos de Ciências Políticas normalmente começassem com Platão, não há evidências conclusivas de que essa aula extramuros em Durham fizesse alguma referência ao mundo clássico. No entanto, desde suas origens humildes, em 1886, as Palestras de Extensão Universitária em Durham frequentemente incluíam temas clássicos. A série de

¹¹ Em 1957, houve também duas bolsas de Clássicas CISWO concedidas a F. Joy Roberts e John Brammah: *COAL*, v. 11, set. 1957, p. 10-1.

palestras visava “trazer alguns benefícios do ensino universitário ao alcance de pessoas, de ambos os sexos e de todas as classes, que não puderam ingressar na universidade como estudantes matriculados”. Ao lado de uma ampla variedade de temas, nos cursos avulsos, eram oferecidos poesia romana, teatro antigo, história antiga e filosofia grega (Universidade de Durham, Coleções Especiais, UND/DB15).¹² À medida que aprofundamos nossa pesquisa, percebemos tanto que as pressões sociais impediam a maioria dos mineradores e suas famílias de prosseguirem os estudos quanto que a experiência de Joe Guy não foi um caso isolado.

Em 1911, a Universidade de Durham se uniu à WEA para “fomentar e supervisionar disciplinas de tutoria na região”. Em 1916, o ensino extramuros foi dirigido pelo Reverendo E. G. Pace, para quem “uma das principais ambições [...] era interessar mais mineradores no trabalho extramuros”. Seu período no comando foi bem-sucedido em parte porque era sensível à “desconfiança tanto da Universidade quanto dos mineradores”, que ele acreditava vir “provavelmente de longa data” (Universidade de Durham, Coleções Especiais, UND/DB15).¹³ Ele também era claramente rigoroso com os números e exigia relatórios detalhados e reflexivos dos tutores sobre o progresso das turmas. Em 1924, 45% dos estudantes nas disciplinas de tutoria eram trabalhadores manuais e 33% eram mineradores. Essas aulas eram ministradas em um número surpreendente de comunidades de mineração ao redor da cidade de Durham. O ano de 1934 viu a apresentação de uma maravilhosa disciplina de Tutoria (Universidade de Durham/WEA) na Escola Municipal de Easington Colliery, intitulada “Utopias”. Antes de mencionar qualquer coisa de Thomas More, o tutor Ralph Todd, Mestre em Artes, ministrou três aulas sobre a antiga Atenas e a *República* de Platão.

As aulas que incorporavam a história romana local e ofereciam abundantes oportunidades para excursões a locais próximos, como Corbridge e Housesteads, eram sempre populares. Os palestrantes, usando capas de chuva, podiam apontar (e declamar com seriedade) fragmentos da Muralha de Adriano, antes de surpreender multidões de estudantes. As figuras 3 e 4 detalham tais práticas e apresentam, respectivamente, John P. Gillam e Walter Taylor. No final da década de 1940, Gillam era professor de Arqueologia no King’s College, em Newcastle, e oferecia passeios por seções da Muralha de Adriano. Nos anos 1950, Walter Taylor atuou como tutor para estudos extramuros nas faculdades de Durham. Seu curso de História Social do final da década de 1940 abordava a Ocupação Romana do Condado de Durham, e suas aulas noturnas (1957-8), intituladas “Arqueologia e História da Grã-Bretanha Romana”, foram bem frequentadas na Faculdade Técnica de Billingham.¹⁴

¹² Agradeço a todos da Biblioteca Universitária de Durham, dos Arquivos e Coleções Especiais, por sua contribuição e perícia.

¹³ *O trabalho extramuros da visão de Durham na Universidade de Durham*, sem data, p. 13.

¹⁴ Mais nomes aparecem no arquivo, mas toda a iniciativa exige um exame mais minucioso e mais espaço.



FIGURA 3 – J. P. Gillam. Cortesia dos Arquivos e Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade de Durham (UND_DB15_IB_58).



FIGURA 4 – Walter Taylor. Cortesia dos Arquivos e Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade de Durham (UND_DB15_IB_70).

Em 1947, Harold Boyden assumiu o lugar de Pace como chefe dos estudos extramuros em Durham. Ele colaborou muito bem com a mídia e os sindicatos locais para estimular uma maior participação das comunidades de difícil acesso de mineradores e metalúrgicos. Foi sob sua liderança que Joe Guy encontrou o financiamento e a oportunidade de continuar seus estudos na universidade. Em 1955, Boyden explicou a um repórter: “Estamos satisfeitos que mais pessoas da classe trabalhadora – muitas deles mineradores e metalúrgicos – estão aproveitando os cursos”. E continuou: “De certa forma, há mineradores e metalúrgicos que fariam um curso de literatura elisabetana ou história do Oriente Próximo praticamente ‘num piscar de olhos’” (Universidade de Durham, Coleções Especiais, B15/K/P/b). Ao examinarmos as ementas dos cursos extramuros da época, fica claro que “literatura elisabetana” e “história do Oriente Próximo” poderiam muito bem ter sido “filosofia grega” e “história do Império Romano”.

WANLOCKHEAD

Antes e durante a Revolução Industrial, os autodidatas da classe trabalhadora britânica tiveram que se virar sem os programas extramuros da WEA, NCLC ou da universidade. Os Institutos de Mecânica e outras instituições do gênero começaram a surgir a partir da década de 1820 em diante, na iniciativa dos novos líderes da indústria. Antes da Revolução Industrial, durante o século XVIII, se os autodidatas recebiam algum apoio em sua busca pelo conhecimento, geralmente vinha de um sistema aleatório de filantropia ou do senso de responsabilidade social dos abastados proprietários de terras. Cada vez mais – e estes dois exemplos não são mutuamente exclusivos – organizações religiosas mais “horizontalistas” e frequentemente não conformistas também forneceram apoio à educação, tanto formal como informalmente. Um exemplo de onde o modelo filantrópico funcionou bem pode ser encontrado nos povoados de Wanlockhead e Leadmills, no conhecido vale cinzento de Lowther Hills, em Dumfries and Galloway.

Essa incidência notável e isolada de clássicos dos mineradores veio à tona porque, em 19 de agosto de 1803, Dorothy Wordsworth visitou Lowther Hills. Enquanto subiam o vale, ela, seu irmão William e o amigo poeta Samuel Taylor Coleridge encontraram três meninos. “Um”, ela observou em suas *Recollections of a Tour Made in Scotland in 1803*, “carregava uma vara de pescar e os chapéus de todos eles eram trançados com madressilvas; eles corriam um atrás do outro tão sem controle quanto o vento”. Em seguida, os três

foram acompanhados por cerca de meia dúzia de seus companheiros, todos sem sapatos e meias. Eles nos disseram que viviam em Wanlockhead, o povoado acima, apontando para o topo da colina; eles foram para a escola e aprenderam latim, Virgílio, e alguns deles grego, Homero, mas, quando Coleridge começou a investigar mais, eles saíram correndo, coitados! Suponho que por medo de serem examinados. (Wordsworth, 1874, p. 15)

Essas crianças eram de uma comunidade de mineração de chumbo extremamente isolada e viviam no que é, até hoje, a vila mais alta da Escócia. Como havia tal concentração de aprendizado clássico nesta parte remota do país? Parte do crédito deve ser dado a um senhorio particularmente benevolente, Henry Scott, terceiro duque de Buccleuch e quinto duque de Queensberry (nascido em 1746), que apoiou os mineradores em seus esforços para estabelecer e administrar uma biblioteca de empréstimos na vila. Mas também deve ser notado que muito do espírito autodidata provavelmente foi trazido para Wanlockhead pelos quakers, que administravam as minas antes do mandato do duque. Em 1750, por exemplo, já havia uma próspera escola na vila e, na época da visita de Wordsworths, ela havia ganhado reputação por sua excelente educação. Por quatro décadas depois que Dorothy Wordsworth chegou a Wanlockhead, o Ministro da Wanlockhead Free Church, o Rev. Thomas Hastings, educou muitos meninos da classe operária, que transcenderam suas origens sociais para se tornarem advogados, físicos, professores, poetas e ministros (Crawford, 1978, p. 1-16).

A partir de novembro de 1756, trinta e dois dos colonos adultos de Wanlockhead também tiveram acesso à Biblioteca dos Mineradores, a segunda biblioteca por assinatura mais antiga da Europa – depois daquela que ficava na mesma rua em Leadhills. Originalmente chamado de “A Sociedade de Compra de Livros em Wanlockhead”, acabou abrigoando mais de três mil volumes. A associação não era barata, mas era acessível para um minerador: a assinatura anual era de dois a quatro xelins, e um minerador ganhava nove ou dez xelins por semana. As regras da biblioteca eram muito rígidas: apenas uma adesão era concedida por família; o acesso à biblioteca foi concedido apenas uma vez por mês, quando um único livro poderia ser trocado; e danos ou perdas de um livro levavam a uma multa potencialmente debilitante, do dobro do valor do livro. A coleção de livros se tornou tão grande que teve de ser realojada em 1851 para uma biblioteca construída para esse fim, que agora é uma característica do Museu de Mineração de Chumbo de Wanlockhead. Existem numerosos textos religiosos e volumes de literatura de autoaperfeiçoamento (incluindo Samuel Smiles); periódicos e volumes de Chambers’ Edinburgh Magazine, a Penny Magazine e Cassell’s Popular Educator até Edimburgo e Quarterly Reviews e o jornal literário londrino, o Athenaeum. Romances também são abundantes – Scott, Dickens, Fielding, Kingsley e Thackeray; há também livros sobre viagens ao exterior, histórias de aventuras, tratados acadêmicos sobre agricultura, ciência e, é claro, mineração (James, 1979).

Curiosamente, não há textos clássicos nas línguas originais na biblioteca. Eles devem ter sido o material usado nas escolas. Em traduções, no entanto, estavam disponíveis os trabalhos de Platão, a *Ética* e a *Política* de Aristóteles; dois volumes de Josefo. A *Odisseia* de Homero era acessível por meio da tradução de John Hawkesworth das *Aventuras de Telêmaco* de François Fénelon. O duque de Buccleuch doou um bom número de títulos ao longo dos anos, o que intrigantemente incluía um Dicionário de Latim de Ainsworth com bela encadernação, que teria sido útil ao ler alguns dos periódicos literários mais eruditos (embora eu não tenha certeza se gastaria minha cota de um livro por mês nele).

O que temos na Biblioteca dos Mineradores de Wanlockhead é um registro dos hábitos de leitura de uma comunidade rural de classe trabalhadora bem-educada que claramente se deleitava com o aumento da disponibilidade de literatura melhorada durante

o século dezenove. Isso mostra que as antigas histórias gregas e romanas, se não os próprios textos não mediados, eram uma parte – mesmo que apenas humildemente pequena – desse movimento de melhoria. Havia claramente um envolvimento rico e diversificado entre as comunidades da classe trabalhadora com a cultura clássica, fora das rotas educacionais tradicionais, que no passado tenderam a dominar os discursos da pesquisa histórica.

Enquanto os proprietários de terras filantrópicos e as organizações religiosas forneceram as principais rotas para o aprendizado da classe trabalhadora na Grã-Bretanha antes e durante a Revolução Industrial, as lutas pela reforma social que ocorreram ao longo do século dezenove trouxeram novos e diferentes caminhos para a educação. Estes foram cada vez mais impulsionados por empresas politicamente motivadas de uma força de trabalho cada vez mais sindicalizada – ou o Movimento Trabalhista.¹⁵ Entre eles, estavam estabelecimentos e empresas como a WEA, o NCLC, o Movimento de Centros Comunitários e o Movimento de Extensão Universitária. Os empreendimentos filantrópicos continuaram na forma de Institutos de Mecânica, muitas vezes financiados por industriais, que consideravam que uma força de trabalho educada seria uma força de trabalho mais eficiente. Como vimos no caso do Condado de Durham, também houve polinização cruzada significativa e diálogo entre essas instituições e iniciativas.

ERNEST RHYS

Às vezes, bastava a iniciativa de um pequeno grupo, ou de um indivíduo, dentro de uma comunidade, para formar um grupo de leitura ou abrir uma biblioteca. A evidência de tais empreendimentos é escasso porque muitas vezes tiveram vida curta, durando tanto quanto o interesse e a energia daqueles que os iniciaram. Ernest Rhys (1859-1946), o poeta socialista e homem de letras, foi um desses indivíduos. Ele começou sua vida profissional como engenheiro de minas, ou “inspetor de carvão” e é o herói anônimo por trás da imensamente influente Biblioteca Everyman de Joseph Malaby Dent. Como editor fundador da série da Everyman Library (desde 1906), Rhys foi o principal responsável pela área da Grã-Bretanha do início do século XX, lendo boas traduções para o inglês de muitas das obras mais famosas da literatura mundial, incluindo os clássicos gregos e romanos. Antes de se tornar um dos mais produtivos “besouros” (como ele os chamava) da Biblioteca Britânica, aos vinte anos, Rhys fundou o “Winter Nights Club” em sua vila carbonífera de Langley. Impulsionado pelo desejo de fazer algo para remediar “a situação dos mineradores que tinham poucos recursos preciosos para se divertir após o dia de trabalho”, ele transformou a cabana abandonada de um minerador em clube e biblioteca. Anos depois, ele lembrou que estava tão orgulhoso de sua conquista que “chegou a escrever um catálogo dos livros que eu pretendia que os mineradores lessem, e você pode rir ao saber que a República de Platão era um deles” (Rhys, 1940, p. 56).

¹⁵ Sobre o aparecimento do WEA (desde 1903) e sua relação com os clássicos, ver Goff (2015, p. 216-34).

Mas por que deveríamos rir? Presumivelmente porque a narrativa preguiçosa do desinteresse da classe trabalhadora pela considerada “alta cultura” era tão difundida que ainda sobrevive na escrita de um homem que se esforçou tanto para desafiá-la. Rhys aprendeu cedo na vida que havia muitos trabalhadores, especialmente mineradores, com uma forte sede de conhecimento, e que havia uma resistência profundamente arraigada a essa noção. Quando ele apresentou pela primeira vez sua ideia da sala de leitura dos mineradores a seus colegas na mina de carvão em Langley Park, Co. Durham, ele conta como foi recebido com zombarias de desprezo: “Uma biblioteca [sic]), pelo amor! O que eles querem com os livros? Até jornais com as notícias de apostas e uma mesa de bilhar, mas livros!” (Rhys, 1940, p. 55) (Compare com os acadêmicos embriagados de conforto de Sassoon.) Essas palavras pertenciam a um colega inspetor de carvão chamado Tolliday, que era mais velho, maior e consideravelmente mais ranzinza do que o jovem Rhys, e cuja consternação com a ideia de uma biblioteca Rhys lembrou em sua autobiografia *Wales England Wed* (1940). Tolliday era claramente da escola que considerava os trabalhadores interessados apenas em beber e jogar. Dizer que ambos os modos de diversão eram abundantes entre as comunidades de mineração em toda a Grã-Bretanha no século XIX seria um eufemismo, mas isso ocorreu principalmente porque muitas vezes havia pouco mais a fazer – daí o plano de Rhys.

Outro colega, no entanto, Tom Hepburn, o contramestre na mina de carvão de Langley Park, gostou da ideia de Rhys. Hepburn era, conta-nos Rhys, “um bom metodista e odiava a taverna como o diabo, e aí [a sala de leitura] era um bom rival”. Juntos, Rhys e Hepburn conseguiram “contornar nosso chefe e os diretores da mina” (Rhys, 1940, p. 55). Não é por acaso que foi preciso a visão utópica de um jovem literário entusiasta e socialista, e o apoio de um capataz metodista empenhado na Temperança, para forçar uma ideia tão radical. Grupos políticos e religiosos, muitas vezes com considerável sobreposição, ajudaram a fomentar o espírito de reforma que acabaria por trazer mudanças positivas para a vida – dentro e fora do local de trabalho – dos trabalhadores britânicos.

Os mineradores de Langley Park que frequentavam o “Winter Nights Club” de Rhys costumavam se encontrar para discutir política e filosofia, de Platão a Ruskin. O círculo de leitura de sábado à noite, que o próprio Rhys descreveu como “aquela estranha escola de filosofia”, atraiu uma dúzia de estudantes, a maioria com menos de vinte anos. Eles leram o tratado de Henry George, *Progress and Poverty* (1879) e *Unto This Last* (1860), de Ruskin. Seu progressismo encontrou alguns limites, no entanto, quando recusaram a entrada de duas jovens professoras. Um dos membros do clube reclamou que eles não seriam capazes de ler Burns e Shakespeare sem fazer as mulheres corarem, então acrescentou, com níveis mais baixos de altruísmo, “[t]eremos uma aula de dança a seguir!” (Rhys, 1940, p. 57-8).

Em sua carreira editorial, Rhys estava obcecado com a noção de capturar “o grande público” e alcançar mil livros na série *Everyman’s Library*, uma ambição e conquista literária democratizante talvez igualada apenas pelo projeto de publicação *Всемирная Литература* (Literatura Mundial) de Maxim Gorky do início da União Soviética. Ele resumiu sua atitude em relação ao que a literatura mundial, incluindo os clássicos, poderia fazer no mundo quando escreveu:

Se ao menos *Everyman* tivesse sido o guia de uma Nova Europa naquele ano da graça, não haveria necessidade de guerra em 1939. Volumes como a *República* de Platão (e o Banquete) ... [e] a *História de Roma* de Mommsen... fornecem um testamento da liberdade civil, sabedoria política e uma ginástica mental, que se ele tivesse sido submetido a “um curso deles” teria impedido o autor de Mein Kampf de escrever esse livro. (Rhys, 1940, p. 273)¹⁶

JACK LAWSON

A apenas 16 milhas a nordeste do grupo de leitura masculino de Langley, e cerca de 30 anos à frente no tempo, o minerador de Durham Jack Lawson (1881-1965) viveu no povoado da mina de Bolden. Lawson, que mais tarde se tornaria secretário financeiro do War Office no primeiro governo trabalhista, começou sua vida profissional aos 12 anos, como o que mais tarde chamaria de “mula de duas pernas da indústria” (Lawson, 1932, p. 95). O exemplo de Lawson confunde utilmente a distinção entre os trabalhadores que jogavam e os que se dedicavam aos livros. Depois de perder seu dinheiro nos jogos, ele voltava para casa e se perdia em sua biblioteca cada vez maior, envolta em caixotes de laranja. Ele passava seus fins de semana sem dinheiro “seguindo os godos pela Europa, direto para a velha Roma, ou marchando com os ‘hunos’ de Átila” (Lawson, 1932, p. 50). Seu pai se preocupava com sua saúde mental.

Lawson era um devorador de histórias, e era isso que formava a maior parte de sua biblioteca de caixotes de laranja. Entre seus livros de história estava o eternamente popular *Declínio e Queda do Império Romano* de Gibbon. O que realmente aconteceu no fundo das minas foi uma discussão especialmente formativa com seu colega minerador, o galês Jack Woodward, que Lawson relatou em suas memórias:

Eu posso ver Woodward agora... Eu posso ver a figura fantasmagórica dele enquanto ele falava de livros. A pá guinchava contra o chão duro de pedra, então fazia saltar sobre o tonel seu fardo de carvão, voltando para mais, pouco antes de isso começar... A picareta estava furando o carvão como se fosse movida por uma máquina. Assim trabalhávamos e conversávamos, engolindo nosso trago de poeira a cada minuto... Eu timidamente mudei o assunto para Ruskin, que estava recebendo minha homenagem naquele momento. Seu apelo por arte, educação e uma vida decente para o trabalhador despertou em nós um entusiasmo mútuo. (Lawson, 1932, p. 94)

Não se mencionam os clássicos, admito, mas essa evidência de se falar de livros no ambiente de trabalho sugere que os clássicos no fundo das minas eram tanto possíveis

¹⁶ Sobre o projeto de Gorky como “literatura mundial”, ver Khomitsky (2013, p. 119-54), com bibliografia completa.

quanto prováveis, especialmente quando consideramos – como evidenciado por catálogos de bibliotecas de mineradores – que muitos dos livros lidos por tais homens estavam relacionados com o mundo clássico.

Em pouco tempo, Lawson estava embarcando em um curso de graduação no Ruskin College e logo, desfrutava do recém-conquistado privilégio dos alunos de Ruskin de assistir às palestras da Universidade de Oxford, finalmente se beneficiando da mesma prática educacional que os filhos dos ricos detentores do poder. Lawson recusou a pós-graduação, apesar de todos os incentivos. Preferiu voltar à mina, de onde iniciaria sua vitoriosa carreira política.

Caso pensemos em Lawson como uma anomalia (ele era claramente excepcional), devemos observar as experiências daqueles outros homens com quem ele conversou sobre livros em Bolden. Lawson não apenas menciona em sua autobiografia o sábio Jack Woodward, mas também um homem não identificado, cuja esposa o ensinou a ler na casa dos trinta, e que – nos é dito – esperava por Lawson para que eles pudessem voltar das minas para casa juntos e discutir suas leituras. Este minerador há muito analfabeto falou de forma memorável com Lawson sobre sua apreciação apaixonada por Nietzsche. Lawson escreveu com admiração: “Este homem lia o Novo Testamento em grego e os oratórios eram tão fáceis para ele quanto a mais recente canção é para o homem da rua” (Lawson, 1932, p. 70). Mais uma vez, como Joe Guy, o grego mencionado é mais bíblico do que clássico, mas é improvável que um leitor tão ávido não se sentisse tentado a ler uma ou duas linhas de Platão ou Homero. A chave da questão é que ele poderia. Um homem que não sabia nem ler inglês até os trinta anos teve a oportunidade, o desejo e a capacidade de se tornar um leitor fluente do grego do *Novo Testamento*. (Lembre-se, mais uma vez, dos embriagados de conforto de Sassoon.)

PINTORES MINERADORES DE ASHINGTON

Cerca de 20 milhas ao norte de Bolden Colliery fica a cidade carbonífera de Ashington, Northumberland. Embora ainda não encontremos nenhuma evidência de *discussão* da cultura clássica na mina em Ashington, descobrimos que não era incomum para os mineradores levar seu material de leitura clássica com eles na cabine de transporte.¹⁷ Desde a formação em 1898 do Ashington Debating e Literary Improvement Society, autores clássicos gregos e romanos foram incluídos na lista de leitura e discutidos em suas reuniões regulares. Harold Laski, que logo seria nomeado professor de Ciência Política na Escola de Economia de Londres e cofundador do influente *Left Book Club*, visitou o grupo deles em setembro de 1924 e voltou na mesma época no ano seguinte.

¹⁷ Ver Marx (1976/1990, p. 627-8), em que um minerador explica à “Vivian Burguesa”, membro do Seletto Comitê das Minas de 1866, que mesmo que a leitura no fundo da mina seja, em teoria, possível, sua probabilidade é reduzida pelo fato de que ele, primeiro, precisaria ser capaz de comprar velas, e então negligenciar seu dever e sofrer as consequências. É provável que o material de leitura levado para a mina fosse para ler depois do trabalho.

Após sua segunda visita, ele escreveu a seu amigo, o jurista americano Oliver Wendell Holmes:

Dei-lhes quatro aulas, mas aprendi mais com eles do que jamais poderia ensinar. Às vezes, era uma conversa sombria, pois há tempos difíceis pela frente para a comunidade mineira na Inglaterra. Mas, em geral, era sobre livros e homens... Havia um... que aprendera grego para poder ler Homero no original... Esses doze, todas as sextas-feiras, durante trinta e seis anos, se reuniram para ler e discutir um livro. Eles discutem severamente com texto e contratexto e você tem que saber o que fazer para passar por eles. Eles estavam tristes, enquanto eu estava lá, pela morte de um minerador que foi encontrado morto por uma queda de carvão; em seu casaco, foi encontrada uma tradução de Tucídides com a página virada para baixo no discurso de Péricles.

Esta é uma evidência notável dos clássicos no fundo das minas. Sua mediação por meio de uma troca de cartas entre dois homens de posição social proeminente é tipicamente precária. Nosso conhecimento disso depende da extraordinária circunstância de Laski, um socialista convicto (ele era um membro executivo da Fabian Society na época), viajando de Londres para dar uma série de palestras para o grupo de leitura dos mineradores. Se não fosse por essas visitas, nunca teríamos conhecido a leitura clássica dos mineradores de Ashington.

No caldeirão político da década de 1930 – quando Laski passou do fabianismo para o marxismo – a comunidade mineira de Ashington também viu o surgimento de uma tradição de pintura, facilitada por Robert Lyon, até então mestre em pintura no Armstrong College, em Newcastle. A viagem improvável de um grupo de mineradores para a descoberta artística, e uma certa fama, foi bem documentada por William Feaver em seu livro *Os Mineradores Pintores* (publicado pela primeira vez em 1988), que por sua vez inspirou a peça de Lee Hall com o mesmo nome. Começou com a formação de um grupo de apreciação de arte. Quando Lyon chegou a Ashington sob os auspícios da WEA, ele começou a ministrar aulas como faria com seus alunos de graduação. Ele mostrou a eles uma série de *slides* de antigos mestres, mas rapidamente aprendeu – ou mais provavelmente foi ensinado – que esse não era o caminho a seguir para ensinar esse grupo coeso de adultos, que tinham suas próprias ideias sobre o que queriam da classe. Oliver Kilbourne, membro fundador do grupo e um dos pintores mais aclamados entre eles, falou sobre como as velhas imagens em preto e branco que Lyon lhes mostrou naquelas primeiras sessões eram “principalmente de pinturas renascentistas e temas religiosos ou mitológicos. Como não conhecíamos os mitos gregos *na época*, ficamos bastante confusos e não chegamos a lugar algum com aquilo” (Feaver, 1988, p. 17, ênfase adicionada).¹⁸

Lyon mudou de tática: ele embarcou em um estilo de ensino puramente prático, encorajando os mineradores a aprender fazendo. Não demorou muito para que o grupo

¹⁸ Feaver (1988, p. 17). A ênfase foi adicionada.

começasse a pintar cenas da vida no povoado. Uma das primeiras peças de trabalho, no entanto, produzida pelo grupo foi um linogravura de Harry Wilson (Figura 5) de um minerador musculoso, de rosto severo e chapéu de pano, acorrentado a uma grande engrenagem, presumivelmente representando a polia de transporte da mina. Embora a maioria dos relatos dos pintores mineradores tendesse a minimizar as ressonâncias políticas do trabalho do grupo, a imagem de Wilson claramente se relaciona com o tropo marxista do trabalhador explorado acorrentado aos meios de produção. A sua arte se volta, sobretudo, a cenas do quotidiano do povoado e a representações do trabalho na mina: revelando o mundo invisível que habitam, num gesto urgentemente político.



FIGURA 5 – Imagem de Harry Wilson (linogravura c. 1934).
Cortesia de William Feaver.

Embora esses pintores mineradores tenham virado as costas para a tradição clássica, eles ainda se depararam com a cultura clássica em cada passo de seu desenvolvimento artístico. A rejeição de Kilbourne aos *slides* de Lyon (“na época não conhecíamos os mitos gregos”) é indicativo do fato de que, por meio de sua exposição ao mundo da arte, que incluía viagens educacionais a galerias de Londres com colunadas, reuniões com artistas formalmente treinados, o estudo de técnicas artísticas de livros e aulas práticas de arte, por exemplo, no King’s College, em Newcastle, eles logo se familiarizaram com os mitos gregos. Um estúdio no King’s College, onde trabalharam (Figura 6), foi forrado com seções do friso do Paternon: sua paixão pela arte literalmente os cercou com a cultura clássica. Quer gostassem ou não, essa presença cultural penetrou em suas vidas e abriu uma janela para outro mundo, talvez a “circunferência verde” de Chaplin.

SE PLATÃO VIVESSE EM SPENNYMOOR

Em 1930, direto da sede do Movimento da Universidade Comunitária em Toynbee Hall, Bill Farrell chegou a Spennymoor, no condado de Durham.¹⁹ Ele viu que os mineradores desempregados precisavam de encorajamento (em suas palavras) “para pensar em outras coisas e outras esferas de possível trabalho além da mina extinta ou moribunda” (McManners; Wales, 2008). Em seu auge, a cidade ostentava a maior siderúrgica da Europa; nas décadas de 1920 e 1930, era uma cidade em expansão que faliu.

O Centro Comunitário de Farrell, com o apoio do Pilgrim Trust, pretendia “incentivar a vizinhança tolerante e o serviço voluntário e dar aos membros oportunidades de aumentar seus conhecimentos, ampliar seus interesses e cultivar seus poderes criativos em uma atmosfera amigável”.²⁰ O que de fato conseguiu talvez tenha sido ainda mais importante. Como disse o repórter-ativista Arnold Hadwin: “O Centro Comunitário deu a uma empobrecida comunidade a vontade e os meios para lutar contra as falhas do Estado, com segurança e dignidade” (Hadwin no prefácio não paginado de McManners, Wales, 2008).



FIGURA 6 – Aula de arte no King’s College, Newcastle.
Cortesia dos curadores do Ashington Group.

De janeiro a março de 1936, o Centro Comunitário Spennymoor, estabelecido em uma loja abandonada na rua principal, foi palco de um encontro de habitantes empregados e desempregados de Spennymoor com Platão. Fazia parte de uma série de onze transmissões

¹⁹ Sobre o *British Settlement Movement* [Movimento Britânico de Centros Comunitários] e Toynbee Hall, ver Briggs; Macartney (1984).

²⁰ *A guide to the Archives and Special Collections at Durham University Library Website*. Disponível online em: https://www.dur.ac.uk/library/asc/collection_information. Acesso em: 1 set. 2017.

da BBC do que era essencialmente um curso educacional para adultos intitulado “Se Platão Vivesse Novamente”.

Os dois jovens filósofos eram Dick [RHS] Crossman e Charles Morris. Crossman (1907-74), o principal redator do programa, era – na época – um membro do New College, em Oxford, escrevendo seu primeiro livro intitulado *Platão Hoje* (1937) e encantando os alunos de graduação com seu “dom especial para o tipo mais difícil de dialética” (Howard, 2004, sem paginação). Tornou-se deputado trabalhista em 1945 e ganhou fama postumamente como jornalista político. Morris (1898-1990) foi membro e tutor de filosofia no Balliol College, Oxford, e mais tarde tornou-se um administrador universitário nomeado cavaleiro (Dainton, 2009).

Nem todos os membros do Centro Comunitário eram mineradores, mas todos eles viviam na extrema privação de uma cidade carbonífera de Durham em declínio durante a Depressão. Programas como “Se Platão Vivesse de Novo” foram um valioso ponto de acesso para indivíduos e grupos como o Spennymoor, em todo o país. Um dos grandes pontos fortes da série “Se Platão Vivesse Novamente” era o equilíbrio entre o antigo e o moderno: a fundamentação da filosofia platônica no mundo familiar do presente. Na sexta palestra, “Quem pode salvar o mundo?” – seguindo um resumo lúcido do plano de Platão para a salvação do mundo –, Charles Morris censurou Crossman por parecer ter absorvido totalmente a doutrina de seu professor ateniense.²¹ Em uma divertida conversa socrática, quando o cristão socialista Morris sugere que “Ninguém pode realmente regenerar a vida social de um povo exceto o próprio povo”, Crossman responde:

Sim, mas não são apenas os grandes líderes políticos, como Cromwell, ou aquele Hitler, que irritam as pessoas e as obrigam a fazer coisas que de outra forma não poderiam fazer? Eu posso ver que você não ouviu Hitler falar! [respondendo claramente à objeção entusiástica de Morris no estúdio] Você pode não gostar, mas ele atinge seus ouvintes e os faz fazer coisas. (*The Listener*, 11 de março de 1936, v. XV, n. 374, p. 490-2)

Talvez tenha sido o dom de Crossman para “aumentar a aposta” que o impediu de chegar ao posto de Attlee, de primeiro ministro. De fato, a BBC tornou-se cada vez mais cautelosa com a maneira como ele ultrapassou os limites da alegada, mas frequentemente contestada, imparcialidade política da Corporação.

Em 1936, Crossman não era novo na transmissão da BBC, nem era novo em fazer comparações entre a Grécia clássica e o fascismo alemão.²² Em 1934, foi transmitido o debut na rádio BBC de Crossman “Alemanha: O Conflito Interno”, onde procurou delinear o apelo do nacional-socialismo aos alemães. Como Stephen Hodgkinson discutiu, Crossman criou nessas transmissões uma analogia entre a antiga Esparta e o nazismo, mediada por relatos pessoais de alemães e os escritos de Richard Walther Darré, o Ministro da Agricultura do

²¹ A palestra “Quem pode salvar o mundo?” foi transmitido em 3 de março de 1936, às 19h30.

²² Para discussão com bibliografia completa, ver Hodgkinson (2010, p. 301-12).

Reich, que olhou para trás com admiração para uma Esparta aparentemente “camponesa agrária” (Hodkinson, 2010, p. 304).

Através do prisma da filosofia de Platão, os acontecimentos e dilemas contemporâneos foram apresentados de forma acessível, relevante e provocativa. Medos relacionados à ascensão do fascismo no exterior (e na Grã-Bretanha) nadavam por baixo e, de tempos em tempos, saltavam à superfície desta série filosófica. Um pouco mais submerso, mas ainda muito perceptível, espreitava o espectro do comunismo, que – com o aparente sucesso da jovem União Soviética e sua oposição inclusiva e unida de “Frente Popular” ao fascismo – não inspirou medo em muitos daqueles empobrecidos trabalhadores autodidatas, aqueles inesquecíveis homens esquecidos sentados ao redor do rádio em Spennymoor aprendendo sobre relações internacionais através de Platão, enquanto os metalúrgicos e construtores navais de Jarrow planejavam sua marcha histórica sobre a capital.²³

Este texto capturou vislumbres dos “clássicos dos mineradores” difíceis de serem definidos, muitas vezes acidentes fragmentários da história, distúrbios na superfície. Aqui se tentou contextualizar esses distúrbios e iluminar o que estava por baixo, avaliando a extensão de sua aparência anômala. Trouxe luz para a vida intelectual e cultural daqueles que geralmente se considerava não terem tido nenhuma das duas. Há muito mais arquivos para explorar, particularmente nas bibliotecas dos mineradores galeses, e mais trabalho a ser feito sobre a tradição catabática na arte dos mineradores.

É difícil fazer observações gerais, quanto mais conclusões, quando o assunto ainda é representado de forma tão fragmentária e o escopo, tanto em termos de tempo quanto de lugar, é tão amplo. O que está claro é que houve um envolvimento considerável com a cultura clássica, onde inúmeros fatores conspiram para nos levar a acreditar que não haveria nenhum. Por que os mineradores estavam atraídos pelos clássicos? A resposta, é claro, foi diferente para cada indivíduo, e temos apenas alguns estudos de caso disponíveis. Temos encontrado mineradores atraídos pelas línguas clássicas por motivos religiosos (e não clássicos), ou seja, para ler o *Novo Testamento* em grego e apreciar o latim do oratório. O interesse pela história sob seus pés levou muitos a explorar a Grã-Bretanha romana e a cultura material clássica. Temos testemunhado o conhecimento clássico adquirido mais ou menos como um subproduto de cursos de educação continuada e da prática criativa e estudo da arte. A leitura de textos clássicos (como “literatura mundial”) tem sido empreendida e encorajada como um preventivo de expansão do horizonte contra os tipos de mentalidade limitada que resultam em provincianismo e fascismo. A atração do clássico, nesse sentido, é motivada por um impulso humanístico de expandir nossos horizontes além de nossa própria experiência limitada e, ao fazê-lo, aumentar a tolerância e a capacidade de lidar com novos desafios sociais. E finalmente – para terminar onde começamos – viajamos para baixo da terra com os mineradores que alcançaram o sofrimento titânico do mito clássico para tentar comunicar em termos reconhecíveis a dura e confinada experiência vivida no subterrâneo para aqueles que habitam o mundo acima.

²³ Para saber mais sobre o uso dos clássicos durante o governo de Wilson, ver Simpson (2015, p. 216-34).

REFERÊNCIAS

- BARSTOW, Stan. Chaplin, Sidney (1916-1986). In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- BRIGGS, Asa; MACARTNEY, Anne. *Toynbee Hall: The First Hundred Years*. London: Routledge & Kegan Paul, 1984.
- BUTTERFIELD, David. Lucretius in the Early Modern Period: Texts and Contexts. In: NORBROOK, David; HARRISON, Stephen; HARDIE, Phillip (ed.). *Lucretius and the Early Modern*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 45-68.
- CLERK, Law. *Coal mines (emergency) act, 1920: reprints, with notes on the mining industry act*. London: Mining Association of Great Britain, 1920.
- COAL. *Coal Magazine*, Durham, v. 5, Jan. 1952.
- COAL. *Coal Magazine*, Durham, v. 11, Sept. 1957.
- COAL. *Coal Magazine*, Durham, v. 13, Jan. 1960.
- COLLINGWOOD, Robin George; MYRES, John Nowell Linton. *Roman Britain and English Settlements*. London: Clarendon Press, 1937.
- CRAWFORD, John C. *Wanlockhead Miners' Library: a guidebook*. Wanlockhead: Wanlockhead Museum Trust, 1978.
- CURRAN, Stuart. Spirits of Fire: English Romantic Writers and Contemporary Historical Methods. In: ROSSO, George A.; DANIEL, P. Watkins (ed.). *Spirits of Fire: English Romantic Writers and Contemporary Historical Methods*. Rutherford: NJ, 1990, p. 260-84.
- DAINTON, Fred. Morris, Charles Richard, Baron Morris of Grasmere (1898-1990). *Oxford Dictionary of National Biography*. ed. rev. Oxford University Press (online), 2009. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/view/article/39813>. Acesso em: 6 fev. 2017.
- FALCONER, Rachel. *Hell in Contemporary Literature: Western Descent Narratives Since 1945*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.
- FEAVER, William. *Pitmen Painters: The Ashington Group 1934-1984*. London: Chatto & Windus, 1988.
- FISKE, Susan T.; MARKUS, Hazel Rose. *Facing Social Class: How Societal Rank Influences Interaction*. New York: Russell Sage Foundation, 2012.
- FREESE, Barbara. Launching a Revolution. In: *COAL: A Human History*. Cambridge, MA: Perseus Pub, 2003.
- GOFF, Barbara. The Greeks of the W.E.A.: Realities and Rhetorics in the First Two Decades. In: STEAD, Henry; HALL, Edith (ed.). *Greek and Roman Classics in the British Struggle for Social Reform*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2015, p. 216-34.

HALL, Edith. Blackwell Companion to Classical Reception. In: HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher (ed.). *Blackwell Companion to Classical Reception*. Oxford: Blackwell, 2008, p. 386-97.

HALL, Edith; STEAD, Henry. Is the Study of the Greek and Latin Classics Elitist? In: *Manchester Memoirs*, v. 152 (2013-2014). Being the Memoirs and Proceedings of the Manchester Literary & Philosophical Society. Manchester, 2015.

HATCHER, John. *The History of the British Coal Industry*. Oxford: Clarendon, 1984/1993.

HODKINSON, Stephen. Sparta and Nazi Germany in Mid-20th-century British liberal and left-wing thought. In: POWELL, Anton; HODKINSON, S. (ed.). *Sparta: The Body Politic*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2010.

HOGGART, Richard. *The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life*. London: Chatto and Windus, 1957.

HOWARD, Anthony. Crossman, Richard Howard Stafford (1907-1974). Oxford Dictionary of National Biography. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/view/article/30987>. Acesso em: 6 fev. 2017.

JACKMAN, Mary R.; JACKMAN, Robert W. An interpretation of the relation between objective and subjective social status. *American Sociological Review*, n. 38, p. 569-82, 1973.

JAMES, Stuart. *Catalogue of the Miners' Library Wanlockhead Miners' Library*. Paisley: Paisley College of Technology for Wanlockhead Museum Trust, 1979.

KHOMITSKY, Maria. World Literature, Soviet Style: A Forgotten Episode in the History of the Idea. *Ab Imperio*, n. 3, p. 119-54, 2013.

LAWSON, Jack. *A Man's Life*. London: Hodder and Stoughton, 1932.

MACINTOSH, Fiona; MCCONNELL, Justine; HARRISON, Stephen; KENWARD, Claire. (ed.). *Epic Performances from the Middle Ages into the Twenty-First Century*. Oxford: OUP, 2018.

MARX, Karl. *Capital*. Trans. by Ben Fowkes. London: Penguin, 1976/1990.

MCMANNERS, Robert; WALES, Gillian. *Way to the Better: The Spennymoor Settlement*. Bishop Auckland: Gemini Productions, 2008.

NEF, John Ulric. *The Rise of the British Coal Industry*, v. 1. 1933 (Reprint). London: Frank Cass and Co., 1966.

RAVENHILL-JOHNSON, Annie; JAMES, Paula. *The Art and Ideology of the Trade Union Emblem, 1850-1925*. London: Anthem Press, 2013.

RHYS, Ernest. *Everyman Remembers*. New York: Cosmopolitan Book Corp, 1931.

RHYS, Ernest. *Wales England Wed*. London: J.M. Dent & Sons Ltd, 1940.

RICHMOND, Ian A. *Roman Britain*. London: Collins, 1947.

- ROSE, Jonathan. *The Intellectual Life of the British Working Classes*. 2. ed. Yale: Yale University Press, 2010.
- SASSOON, Siegfried. *The Case for the Miners*. Nova York: The Nation, 18 May 1921.
- SIMPSON, Michael. Yesterday's Men: Labour's Modernising Elite from the 1960s to Classical Times. In: STEAD, Henry; HALL, Edith (ed.). *Greek and Roman Classics in the British Struggle for Social Reform*. London: Bloomsbury, 2015, p. 269-91.
- STEAD, Henry. Ted Hughes: Seneca's Oedipus by Hook or by Crook. *CRCL*, v. 40.1, p. 88-104, 2013.
- STEAD, Henry. *A Cockney Catullus*. Oxford: OUP, 2015.
- STEAD, Henry; HALL, Edith (ed.). *Greek and Roman Classics in the British Struggle for Social Reform*. London: Bloomsbury, 2015.
- STRAY, Chris. *Classics Transformed: Schools, Universities, and Society in England, 1830-1960*. Oxford: Clarendon, 1998.
- STRAY, Chris. *Oxford Classics: Teaching and Learning 1800-2000*. London: Duckworth, 2007.
- STRAY, Chris. Classics and Social Closure. In: STEAD, Henry; HALL, Edith (ed.). *Greek and Roman Classics in the British Struggle for Social Reform*. London: Bloomsbury, 2015, p. 116-37.
- WILLIAMS, Rosalind. *Notes on the Underground*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.
- WORDSWORTH, Dorothy. *Recollections of a Tour Made in Scotland A.D. 1803*. Ed. by John J. C. Shairp. Edinburgh: Edmonston and Douglas, 1874.

Tradução de

Beethoven Alvarez (UFF) 
balvarez@id.uff.br

Heloize Fortunato (UFF) 
heloizemoreira@id.uff.br

Bruna Castro da Silva (UFF) 
bcastro@id.uff.br

Pedro Lopes (UFF) 
pigor@id.uff.br